

Nova invasão já tem 100 famílias

Eles foram chegando de mansinho, ocupando a parte de trás do terreno, em meio às árvores, e já são quase 100 famílias na mais nova invasão da Asa Norte. Bem perto do Palácio do Buriti: são inquilinos do Paranoá, Sobradinho e Planaltina, principalmente, que ocupam há quase um mês o terreno do Centro Educacional Gisno, em frente ao autódromo de Brasília.

A história é a mesma: cansados de pagar altos aluguéis e de serem incomodados de todas as formas por vizinhos e proprietários inescrupulosos, foram chegando e ocupando o terreno vazio e hoje já são mais de 500 pessoas num ponto nobre da cidade, “esperando que o Governo dê um jeito e construa mais casas para a gente”.

O COMEÇO

Tudo começou com uma mulher, Maria de Fátima. Solteira, 27 anos, quatro filhos e trabalhando no Plano, ela conheceu o terreno vago com uma amiga e tomou a decisão de invadi-lo. Pediu algumas tábuas e telhas nas casas de material

de construção, catou mais uns restos aqui e ali e ergueu sozinha seu barraco, que mais parece uma colcha de retalhos de tanto remendo.

Ficou livre do aluguel de Cr\$ 50 mil mensais, da condução e chamou mais uma amiga. Esta, por sua vez, foi chamando outros e hoje o terreno já está quase cheio. Se não fosse a enorme família de Divino Augusto da Silva construir mais cinco barracos bem em frente ao autódromo, a invasão passaria despercebida por mais algum tempo.

Mas Divino também estava cansado de pagar Cr\$ 50 mil de aluguel por um único cômodo e financiou o material da construção junto com um cunhado (folhas de compensado e telhas de amianto) por Cr\$ 10 milhões. Cada barraco está custando em média Cr\$ 3 milhões para cada família. Segundo Divino, se fosse de alvenaria seria mais seguro e barato, “mas se eles tiram a gente a madeira se aproveita e o tijolo não”, explica.

Francisca Marques de Souza não estava acostumada com a falta de água e

luz em casa, pois morava de aluguel em Sobradinho, com o marido funcionário público e sete filhos. “Nós pagávamos Cr\$ 300 mil de aluguel, mais ia subir para Cr\$ 600 mil e aí o meu marido não ia poder pagar. Então viemos para cá. Estamos muito embolados, a vida é mais difícil, mas o salário agora dá para a família”.

Os invasores não precisam de luz, porque o lote fica entre as avenidas bem iluminadas. A água está sendo cedida pelo Detran, que deixou um registro aberto dia e noite para que as famílias possam cozinhar, lavar e tomar banho. O proprietário do colégio ainda não apareceu com a polícia — “dizem que ele está de férias” — e a Shis, ao que tudo indica, ainda não tomou conhecimento do terreno. “Se a gente ficar aqui pelo menos por um ano já está bom. Quem sabe até lá o País conserta e a gente pode ter empregos melhores e o Governo constrói mais casas para a pobreza?”, pergunta Silvina de Carvalho, que não foi beneficiada com as casinhas de Planaltina da última vez.